

Como Viver numa Terra Perigosa

(Juízes 1)

Bruce McLarty

A sinagoga e a igreja ficavam na mesma rua, uma de cada lado, de modo que o rabino e o pregador sempre iam juntos tomar um café e conversar sobre os desafios de seus respectivos mundos. Um dia, o rabino observou o seguinte:

É difícil ser judeu neste lugar. Sempre estamos dizendo aos nossos filhos: “Todo o mundo faz isto, mas você não deve agir assim. Você é especial. Você é diferente. Você é um judeu. Você tem uma história diferente; um conjunto de valores diferente”.

Para surpresa do amigo indignado, o pregador respondeu:

Rabino, o senhor talvez não acredite, mas eu ouvi, outro dia, essa mesma frase na sala de jovens casais da escola dominical da nossa igreja.¹

Pais cristãos que vivem no mundo atual encontram-se constantemente dizendo a seus filhos (e a si mesmos): “Você não deve agir assim. Você é especial. Você é diferente. Você é um cristão. Você tem uma história diferente, um conjunto de valores diferente”.

NEGÓCIOS PENDENTES

O Livro de Josué termina bem. Quando o idoso Josué reuniu Israel e os fez confrontar a escolha entre o Senhor e os deuses das nações que eles conheciam, o povo foi enfático quanto à sua submissão:

Longe de nós o abandonarmos o Senhor para servirmos a outros deuses; porque o Senhor é

o nosso Deus; ele é quem nos fez subir, a nós e a nossos pais, da terra do Egito, da casa da servidão, quem fez estes grandes sinais aos nossos olhos e nos guardou por todo o caminho em que andamos e entre todos os povos pelo meio dos quais passamos. O Senhor expulsou de diante de nós todas estas gentes, até o amorreu, morador da terra; portanto, nós também serviremos ao Senhor, pois ele é o nosso Deus (Josué 24:16–18).

Se estivéssemos assistindo a um filme, essa seria a hora de aparecer um pôr-do-sol e todos viverem felizes para sempre. De fato, o Livro de Josué termina bem.

Todavia, a próxima parte da saga de Israel, o Livro de Juízes, não carrega esse mesmo tom de otimismo. Pelo contrário, ele mostra que a terra ficou rapidamente inundada de problemas. Israel, no início de Juízes, estava desobediente, insegura e a caminho de uma catástrofe.

AS SETE ACUSAÇÕES

Deus deu a Israel a ordem e os recursos necessários para expulsarem os cananeus de sua terra, mas Israel não completou a conquista da Terra Prometida. Sete vezes no primeiro capítulo as palavras gélidas “não expulsou” refletem a desobediência dos israelitas à ordem divina. Usando um mapa da Palestina, podemos seguir as omissões de Israel do sul ao norte do país:

Manassés não expulsou os habitantes de Bete-Seã... nem os de Megido, todas com suas respectivas aldeias... (1:27)

Quando, porém, Israel se tornou mais forte, sujeitou os cananeus a trabalhos forçados e não os expulsou de todo (1:28).

¹ Este episódio é relatado no livro de Stanley Hauerwas e William H. Willimon, *Resident Aliens* (“Forasteiros Residentes”). Nashville: Abingdon Press, 1989, p. 18.

Efraim não expulsou os cananeus... (1:29).

Zebulom não expulsou os habitantes... (1:30).

Aser não expulsou os habitantes. (1:31).

...porém os aseritas continuaram no meio dos cananeus que habitavam na terra, porquanto os não expulsaram (1:32).

Naftali não expulsou os habitantes de Bete-Semes... (1:33).

Por que, nestes versículos, está se levantando tanta objeção contra a tolerância de Israel para com os cananeus? Afinal de contas, a coexistência pacífica não é o alvo internacional mais buscado em nossa era? Não desejamos que os vários grupos da África do Sul, Ruanda, a antiga Iugoslávia e o Oriente Médio “vivam e deixem viver”? Por que isto deveria ser diferente com Israel?

A chave para entender por que a tolerância de Israel foi vista por Deus não como uma virtude mas como uma total infidelidade encontra-se no fato de Deus ter escolhido os descendentes de Abraão para serem a Sua “propriedade... reino de sacerdotes e nação santa” (Êxodo 19:5, 6a). Canaã se tornara uma terra perversa e violenta. Com o passar do tempo, esses povos pagãos com certeza arrastariam Israel para o nível deles.

Quando Israel entrou na terra prometida, a sociedade cananéia estava em total decadência. Sendo mais uma cultura do que uma nação, Canaã estava organizada política e militarmente em torno de várias cidades-estados poderosas. A linha que os unia era a religião — a adoração a El, Baal e Aserá. Esses deuses eram do sexo masculino e feminino; eram guerreiros e sensuais. A adoração envolvia prostituição e sacrifício de seres humanos. Expulsar totalmente os cananeus era, portanto, uma questão de sobrevivência espiritual para Israel. Se permitissem que os cananeus ficassem, eles poderiam se tornar, vez ou outra, os opressores de Israel. O mais grave de tudo é que sempre seriam motivo de tentação para Israel². Os israelitas “não os expulsaram” e essa omissão estabeleceu o cenário para a tragédia narrada no Antigo Testamento conhecida como o Livro de Juízes.

A COEXISTÊNCIA PACÍFICA HOJE

Atualmente, é evidente que as ordens dadas

²Veja Juízes 2:8–13; 3:7; 10:6.

aos cristãos são um tanto diferentes. Não somos chamados para expulsar todos os que não conhecem a Deus, nem temos de nos isolar de todas as influências externas (1 Coríntios 5:9, 10). Todavia, enfrentamos o problema de viver em terras que podem obscurecer nossa visão espiritual, diluir nosso fervor espiritual e nos distrair de nossa missão espiritual. O fato mais ameaçador de todos é que vivemos numa terra que pode roubar os corações de nossos filhos e desviá-los de Deus. A história de Israel serve como um severo aviso; se não tomarmos a terra, a terra vai nos tomar!

Israel provavelmente nunca tomou a decisão consciente de abandonar a Deus e servir a Baal; o povo simplesmente permitiu-se ser levado pelas correntes culturais daqueles dias. Assim como o movimento do ponteiro que marca as horas num relógio, ou como a destruição silenciosa de uma casa por minúsculos cupins, ou a erosão imperceptível de uma cordilheira por um rio, o estilo de vida de uma terra ou cultura pode mudar as pessoas tão gradativamente que elas nem se dão conta do que está acontecendo com elas. Então, num belo dia, estão iguais às pessoas daquela terra. Houve um tempo em que amavam a Deus, mas agora isto simplesmente já não parece tão importante. Houve um tempo em que tinham convicções fortes, mas agora já não se lembram de todos os motivos que as faziam defender essas convicções. Houve um tempo em que seus filhos cantavam: “Estou no exército do Senhor!”, mas agora eram submissos aos deuses da obsessão, do prazer e do poder. Como isto aconteceu? O Livro de Juízes responde: “*Se você não tomar a terra, a terra vai tomar você!*”

O CRISTIANISMO DE LIMITES FLEXÍVEIS

Atualmente, a sedução persistente da terra pode ser descrita como a tentação de se praticar um cristianismo “de limites flexíveis”. Sentimos confortáveis mantendo um determinado nível de conformidade com a nossa cultura. Todavia, ainda admitimos que precisamos manter uma pequena distância do mundo. O que acontece, então, quando a nossa cultura migra para um nível mais distante de Deus? O cristianismo “de limites flexíveis” não percebe em que terreno está pisando; sua única preocupação é a distância que ele mantém do mundo. Desde que se mantenha, digamos, a um metro da cultura, ele se julga seguro. Toda vez que os padrões culturais

são alterados, esse tipo de cristão também altera seu padrão. Logo, o limite de um metro adentra o terreno que ontem mesmo pertencia ao que é pecaminoso naquela cultura. As normas culturais continuam se distanciando de Deus, e o cristão “de limites flexíveis” continua se deslocando, sem saber, em direção ao precipício.

As evidências do cristianismo de “limites flexíveis” estão à nossa volta. Vejamos apenas algumas:

Linguajar aceitável. O linguajar da terra está decaindo rapidamente. O nosso linguajar é puro ou apenas um pouco mais refinado que o linguajar da terra?

Roupas. Eu era adolescente durante a insanidade dos anos 70. Nunca pensei que as minissaias voltassem a estar em moda, mas aí estão elas. As roupas da terra são idealizadas para serem “sexy”. Nossas roupas são modestas (quando foi a última vez que você elogiou alguém por estar usando roupas que o deixam elegante?) ou são apenas menos sensuais que as roupas da terra?

Entretenimento. Perdemos uma grande dose de sensibilidade desde que Rhet Butler escandalizou o público dos cinemas no encerramento do filme *E o Vento Levou...* Agora, muitas famílias cristãs sentem-se confortáveis em suas salas de estar assistindo a filmes em que o nome de Deus é blasfemado e suas convicções ridicularizadas. Estamos nos alimentando do que é “puro...” (Filipenses 4:8) ou de coisas que apenas não são tão más quanto as piores coisas que há na terra?

Mais desoladores ainda são alguns valores sutis que absorvemos da terra em que vivemos. O que dizer da noção de que o propósito da vida é sermos felizes? Tenho ouvido esta convicção expressa por cristãos em discussões que vão desde o casamento até missões. “Sei que Deus quer que eu seja feliz” é citado com a mesma convicção que se tem de uma passagem bíblica. Isto não está apenas um pouco incorreto; é a raiz de todo pecado! Sim, Jesus veio para nos dar uma vida abundante e a palavra “bem-aventurado” nas bem-aventuranças pode ser traduzida por “feliz” — mas a felicidade para o cristão não é alcançada ao se buscar a felicidade propriamente dita, mas ao se buscar a Deus. Entregues aos nossos próprios desejos, sempre acabaremos perdidos e miseráveis. (Você se lembra do Livro de Eclesiastes?) De onde tiramos a idéia de que tudo o que interessa na vida é sermos felizes?

Essa idéia veio de Deus ou a tiramos, assim como a um micróbio, do ar cultural que respiramos?

O PROBLEMA COM OS VIZINHOS

James Michener, numa obra de ficção histórica intitulada *The Source* (“A Fonte”), entrelaçou várias histórias do desenvolvimento de Israel à história da nação. No capítulo “Um Velho e Seu Deus”, Michener conta a história de um patriarca hebreu chamado Zadoque, que mudou sua extensa família do deserto para a cidade cananéia de Macor³. O velho tinha terríveis pressentimentos quanto aos perigos da cidade, mas acreditava que era da vontade de Deus que ele e sua gente vivessem e trabalhassem bem perto dos muros de Macor. Para aliviar os temores de seus filhos quando eles chegaram ao novo lar, Zadoque lhes assegurou: “Vamos conviver em paz entre os cananeus, eles com os campos deles e nós com o nosso”. O maior problema para os hebreus era que a única fonte de água potável ficava dentro da cidade. O povo era amistoso e convidou as mulheres da família de Zadoque para entrarem e tirarem água para as suas necessidades diárias. Todavia, uma vez dentro da cidade, esses ex-nômades começaram a presenciar as práticas sedutoras de adoração da religião dos cananeus. Inicialmente, aquilo tudo era inacreditável para eles; depois tornou-se fascinante e finalmente, transformou-se em algo irresistível.

O velho havia temido que sua gente ficasse igual ao povo daquela terra, mas ele nem imaginava o que veria no dia em que subiu até o monte em que os cananeus adoravam a Baal. Ali ele esperava ver uma enorme estátua de pedra erigida em homenagem a Baal. Mal pôde acreditar quando viu que seus filhos e netos haviam feito uma estátua de pedra em homenagem a Deus! Isto era algo impensável para o velho! Será que eles não entenderam a natureza espiritual de Deus e Sua absoluta insistência para que *não* fizessem ídolos para Ele? Como puderam fazer aquilo? Não sabiam quem eram? Não sabiam que eram diferentes? Lançando todo o peso do seu corpo contra o monumento com o fim de derrubá-lo colina abaixo, Zadoque certamente entendeu o significado do primeiro capítulo de Juízes.

³James Michener, *The Source* (“A Fonte”). Nova York: Fawcett Crest, 1965, pp. 173-240.

Juízes é, na verdade, um aviso a qualquer povo que vive numa terra capaz de lhe roubar a alma. Séculos após os juízes terem vivido, Paulo afirmaria essencialmente a mesma coisa para os cristãos que viviam na poderosa, agitada e influente capital do Império Romano, dizendo:

Romanos 12:2

“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

CONCLUSÃO

Nos tempos atuais, o poder sedutor da terra em que habitamos é maior do que nunca. O primeiro capítulo de Juízes é um despertar de Deus à igreja de hoje para que ela reconheça esse perigo. É hora — se já não passou — de nós, cristãos, nos despojarmos do cobertor confortável da acomodação cultural sob o qual estivemos cochilando por tanto tempo. É hora de ensinarmos os nossos filhos e declararmos aos nossos vizinhos: “Somos diferentes! Somos cristãos! Temos uma história diferente, um conjunto de valores diferente!” É hora de tomar a terra; porque, se não fizermos isso, ela com certeza vai nos tomar! □

©Copyright 2004, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS